

O SENTIDO DA MORTE INESPERADA DE UM(A) FILHO(A) NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

José Carlos Avelino de Andrade*

Josina Maria da Silva Schmitz**

Ananda Kenney da Cunha Nascimento***

RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender o(s) sentido(s) da morte inesperada de um filho(a), na perspectiva fenomenológica existencial, a partir da narrativa de casais parentais; bem como, descrever como a morte inesperada de um(a) filho(a) os afeta psicologicamente. O método utilizado, inicialmente, foi o bibliográfico. Em seguida, foi efetuada uma pesquisa de campo em que foi utilizada a Analítica do Sentido, de Dulce Critelli, para análise e interpretação das narrativas coletadas. Foram entrevistados três casais que mostraram a relevância da pesquisa e justificaram os objetivos do trabalho de campo.

Palavras-chave: Analítica do Sentido. Morte inesperada. Fenomenologia Existencial.

ABSTRACT

This research aims to comprehend the sense of the unexpected death of a son/daughter, in the phenomenological existential perspective, from the narrative of parental couples; as well as describe how this death affects them psychologically. The method used, initially, was the bibliographical. Then, it was realized a field research in which was used the Analysis of Senses, by Dulce Critelli, for analysis and interpretation of the collected narratives. We revisited three couples that showed relevance to this research and justified the objectives of the work on field.

Keywords: Analysis of Sense. Unexpected Death. Existential Phenomenology.

1 INTRODUÇÃO

* Psicólogo. Pós-graduando Lato sensu em Avaliação Psicológica pela Faculdade Redentor. Graduado em Psicologia pela Faculdade Estácio do Recife. Graduado em Letras pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – Palmares/PE (FAMASUL).
zecarlopsi@gmail.com.

** Psicóloga. Pós-graduanda Lato sensu em Avaliação Psicológica pela Faculdade Redentor. Graduada em Psicologia pela Faculdade Estácio do Recife.
josinaschmitz@gmail.com.

*** Psicóloga. Acompanhante Terapêutica. Docente na Faculdade dos Guararapes. Tutora na Faculdade Pernambucana de Saúde. Doutoranda e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.
anandakcn@gmail.com.

A morte é um assunto polêmico e que ainda causa muitos debates acirrados onde quer que sejam realizados e que exige uma superação de: preconceitos, expectativas, medos. Então, esta pesquisa surgiu desta necessidade de clarear aspectos que são relegados a segundo plano com relação a este tema; a intenção foi sua desmistificação.

Dependendo da cultura onde está inserida, a morte é encarada de diversas maneiras. No Oriente, é tratada com maior naturalidade, enquanto que no Ocidente ainda continua um tabu. Ariès (2012), francês que pesquisou quinze anos sobre o tema, constatou que, enquanto no Ocidente o preto é a cor utilizada para representar a morte, na China, é o púrpura. De acordo com Kovács (2010), a morte no Ocidente é vista como um fim, ruptura e fracasso, gerando sentimentos como vergonha, raiva, temor. Ao contrário, no Oriente, é um estado de transição e de evolução, para o qual os orientais devem estar preparados, educados.

Kastenbaum e Aisenberg (1983), quando discorrem sobre a importância da educação para a morte, afirmam que somos levados a pensar na morte como se fosse futilidade; ela seria um mero fato biológico, o medo de morrer é instintivo; as pessoas sadias que refletem sobre a morte mostram uma atitude que é contextualizada com a sua emoção no momento. Assim, as perdas e sofrimentos associados à morte, não são discutidos até que elas, de fato, ocorram.

Mas afinal, como seria uma educação para a morte? Seria possível ensinar e através desse ensinamento modificar e transformar este conceito de uma maneira que não causasse tanta comoção? Kübler-Ross (1996) afirmou que com um pouco mais de esforço ao encarar a nossa própria morte, analisando as ansiedades que decorrem deste conceito, a familiarização desse conhecimento levaria a uma diminuição deste terror provocado pela ideia da morte.

É bom salientar que essa educação para a morte teria que levar em consideração não só a morte em si, mas também o processo de luto que vem em decorrência deste acontecimento. O luto, para Franco et al (2011, p. 100), “está na vida de todos nós e nos atinge em aspectos pessoais e relacionais no âmbito da família, e considerando-se os diferentes momentos de seu ciclo de vida, o impacto causado pela morte de alguém”.

Ainda de acordo com esta autora, são diferentes as maneiras como são encarados os lutos, pois variam de acordo com as singularidades da pessoa que morreu. A morte de um parceiro, de um pai ou mãe, de um irmão ou de um amigo causam diferentes reações, também dependendo da saúde e da

idade do falecido: “A morte de um filho tem efeitos devastadores sobre o sistema familiar. O luto dos pais é frequentemente misturado com raiva, culpa, autorreprovação por sua inabilidade em impedir a morte, bem como com a sensação de estarem sendo vítimas de uma injustiça.”. (p. 115).

Mas o que seria a morte de maneira inesperada? Segundo Kastenbaum e Aisenberg (1983) o acidente, ou inesperado, “significa apenas um evento desastroso que acontece subitamente, sem ser esperado, sem planejamento ou intenção” (p. 305). Existem variáveis que podem ser classificadas como extrínsecas e intrínsecas; nas primeiras, podem-se citar como exemplos veículos, áreas mal iluminadas, reparos estruturais em escadas ou saídas de incêndio, riscos de choque elétrico. Nas segundas, entram fatores como o estado mental do indivíduo, atitudes para consigo mesmo ou para com outros, e seu sistema de valores.

Fazer uma reflexão realista sobre os aspectos psicossociais envolvidos na morte – focando na família – é essencial para que se possa encarar a morte apenas como uma decorrência natural de um processo pelo qual todos irão passar. Dentro deste contexto, portanto, o trabalho focalizou a questão da morte inesperada, quando a perda de um(a) filho(a) desestabiliza a estrutura de quem tem que lidar com essa perda. Para tanto, nesta pesquisa, questionou-se: qual(is) o(s) sentido(s) da morte inesperada de um filho(a), na perspectiva fenomenológica existencial, a partir do relato de casais parentais casados?

Parte-se da hipótese que a morte inesperada de um(a) filho(a) ocasiona sofrimento psíquico ao casal parental, podendo chegar a um luto patológico, que consiste em um estado mental associado à perda de pessoas significativas e decorrente da interrupção do processo normal do luto, cronificando a sensação de perda e de todos os seus acompanhamentos.

Portanto, esta pesquisa objetivou compreender o(s) sentido(s) da morte inesperada de um filho(a), na perspectiva fenomenológica existencial, a partir da narrativa de casais parentais; bem como, descrever como a morte inesperada de um(a) filho(a) afeta psicologicamente estes casais e apontar o(s) sentido(s) atribuídos à morte inesperada de um filho(a), na perspectiva fenomenológica existencial, a partir da narrativa destes casais.

2 MÉTODO

Inicialmente, foi utilizado o método bibliográfico que, para Gil (2008), se dá com base em ma-

terial já elaborado, tais como livros e artigos científicos. Esta pesquisa procurou seguir a linha teórica da fenomenologia existencial, visto que esta abordagem é a utilizada pelos autores como embasamento para suas práticas clínicas. Para tanto, esta foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em 03/06/2014, nº CAAE 30805314.5.0000.5207. Como participantes voluntários – que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) –, foram entrevistadas seis pessoas (três casais casados) que perderam seu(sua) filho(a), de maneira inesperada, em um período de, no máximo, cinco (5) anos.

Foi utilizada, como instrumento, uma entrevista aberta com a seguinte questão disparadora: “Como foi a experiência de vocês diante da morte inesperada de seu filho(a)?”. Deste modo, o relato oral sintonizou-se com a concepção de narrativa, que, segundo Benjamin (1989), possibilita entrar em contato direto com o participante da pesquisa. A narrativa fica, enriquecida, visto que a história é retratada com todos os seus nuances, incluindo suas ambiguidades, em seu próprio ambiente.

Como embasamento para interpretar as narrativas foi utilizada a “Analítica do Sentido”, proposta por Dulce Critelli (1996), de cunho fenomenológico. Isto pois, trata-se de um método de compreensão do real, não nasceu definindo procedimentos e instrumentais precisos e únicos, mas diluído nas obras de pensadores como Husserl e Heidegger.

No contexto fenomenológico existencial, a interdependência entre homem e mundo é essencial. Longe do padrão explicativo (técnico e racional), assume-se uma postura compreensiva, por isso são a dúvida e a interrogação que permeiam esta investigação. Então, é a partir de um modo de interrogar que se chega à compreensão do real e, para isto, tem-se que levar em consideração uma prévia interpretação que se desdobra em três dimensões (nas quais o ser reconhece as possibilidades de ser): a prévia compreensão do que seja o ser, a prévia noção de um lugar de acontecimento do ser e a prévia compreensão do horizonte de explicitação do ser. Critelli (1996) afirma que:

Tudo que há só chega à sua plena existência, isto é, *torna-se real*:

-quando é tirado de seu ocultamento por alguém, *desocultado* DESVELAMENTO;

-quando desocultado, esse algo é *acolhido e expresso através de uma linguagem* – REVELAÇÃO;

-quando languageado, algo é *visto e ouvido por outros* – TESTEMUNHO;

-quando testemunhado, algo é *referendado como verdadeiro por sua relevância pública* – VERACIZAÇÃO;

-quando publicamente veracizado, algo é, por fim, efetivado em sua *consistência através da vivência afetiva e singular dos indivíduos* – AUTENTICAÇÃO. (p.69, grifos do autor).

A ocorrência simultânea destes elementos é o que foi denominado de movimento de realização do real. Eles não ocorrem de maneira linear, mas é condição sine qua non que ocorram ao mesmo tempo. Sendo o desvelar, trazer à tona algo que está oculto, pois todo fenômeno traz algo de si, que necessita deste desocultamento. Então, o desvelamento não é necessariamente trazer à luz a presença concreta e, sim, conhecer o seu significado e suas possibilidades no encontro com o fenômeno. Para a autora, exemplos de velamento seriam o esquecimento, a distração, a insignificância, entre outros. Tanto o velamento quanto o desvelamento do fenômeno devem ser entendidos como possibilidades dele mostrar-se temporalmente (e não no sentido racional ou cognitivo). O que foi desvelado, enfim, tem que ser representado pela palavra/linguagem.

Heidegger (2005, p. 227) afirmou que “o discurso, na maior parte das vezes, se pronuncia e já sempre se pronunciou. É linguagem. Nos pronunciamentos, compreensão e interpretação já estão sempre presentes. Como pronunciamento, a linguagem guarda em si uma interpretação da compreensão da presença.”.

A representação da existência dos entes é efetuada pela linguagem. O desvelamento só pode chegar à realização através da palavra; caso isto não tenha ocorrido o fenômeno volta ao ocultamento. O próximo passo para que se possa tornar o ente real é a comunicação, que oficializa o desocultamento. Fora das palavras, então, não existe o real: a comunicação é essencial para que haja o testemunho. A realização, através da linguagem, então, leva ao testemunho, que é a comunicação da experiência ao outro, confirmando o que foi desocultado, consolidando-o. Neste processo, então, é necessário que exista o outro, pois é a coexistência que dá viabilidade a todo este movimento.

Em seguida, tornar-se tudo verdadeiro, mas nada pode tornar-se verdadeiro em si mesmo; para isto, é necessário uma referência externa que autorize essa veracidade. Esse movimento está presente no “jogo incessante que os homens mantêm entre si de convencerem-se mutuamente das verdades que atribuem às coisas”. (CRITELLI, 1996, p. 85). Novamente, é a convivência entre os homens que proporciona este processo, pois é através dela que se dá a relevância pública do real, dando sentido, de fato, ao ser.

A autenticação é o último passo e esta se dá no âmbito individual, no nível do sentir. O conhecimento torna-se singular, pois aqui “a verdade está numa intrínseca *dependência em relação ao indivíduo*.”. (CRITELLI, 1996, p.92, grifos da autora).

3 MORTE NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

A tentativa de definir a morte não é tarefa fácil e este conceito tem sofrido uma série de mudanças ao longo da história, não existindo apenas a definição médica (hoje é legalmente considerada morta a pessoa com morte encefálica): existem as definições filosóficas, as artísticas e as religiosas, que se adaptam, além de tudo, às diferentes culturas humanas.

A definição de morte para Houaiss e Villar (2009, p. 1320) é:

morte s.f. (1266) **1** interrupção definitiva da vida de um organismo **2** fim da vida humana **3** fig. fim, desaparecimento, freq. gradual, de qualquer coisa que se tenha desenvolvido por algum tempo <*m. de uma língua*> <*m. de uma civilização*> **4** fig. fim, término de qualquer coisa, ger. subjetiva, criada consciente ou inconscientemente pelo homem <*m. das ilusões juvenis*> **5** fig. intenso sofrimento, grande dor e angústia **6** ICON representação iconográfica da morte, ger. a imagem de um esqueleto humano armado de foice. (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1320).

A filosofia sempre adotou a morte como um tema recorrente. A sobrevivência do espírito à morte do corpo e a crença na vida e no julgamento após a morte já eram discutidos na Grécia Antiga, através de pensadores como Pitágoras, Platão e Plotino. Sartre, filósofo francês, defendia a existência única: para ele não há vida nem antes do nascimento nem após a morte. Na Doutrina Niilista, sendo a matéria a única fonte do ser, a morte é considerada o fim de tudo. (NASCIMENTO, 2008).

A maneira como a morte é abordada, nas artes, muda de acordo com o contexto onde está inserida. Os artistas tentam sempre torná-la mais natural e esta intenção não se perde através dos tempos: Dante Alighieri e Shakespeare utilizam a morte com grande ênfase em suas narrativas; inúmeras músicas referem-se direta ou indiretamente ao tema (o poema “Funeral de um lavrador”, de João Cabral de Melo Neto, foi musicado por Chico Buarque, em 1966); filmes como “Quincas Berro D’água”, baseado no romance de Jorge Amado, entre outros, também tratam do tema. (GIMENEZ; TATSUI, 2013).

No princípio da história das civilizações, o homem ao morrer era simplesmente abandonado. De acordo com Chiavenato (1998), os primeiros relatos de cuidados com os corpos foram em, aproximadamente, 35 mil anos antes de Cristo; data deste período indícios de que os mortos eram enterrados com os braços em volta dos joelhos e, a partir daí, iniciaram-se alguns processos funerários, como: o da pedra angular, o do enterro, o do dessecamento e o da cremação. Este autor afirma que a atenção dada aos mortos revelou sempre os conceitos e a cultura de cada povo.

Kovács (2010) mostra de maneira bastante elucidativa a mudança de perspectiva do conceito de morte através dos tempos. A “morte domada” (p. 32), um dos conceitos de Ariès (2012), é típica da Idade Média, onde o homem sabia que iria morrer: era uma época cheia de doenças e guerras, o que dava uma proximidade e uma familiaridade com a morte. A força da Igreja Católica, a partir deste período histórico influenciou a maneira como a morte passou a ser encarada.

Com o crescimento do Catolicismo alguns autores acentuaram a importância da religião em assuntos relacionados à morte. Morin (1997) afirma que o papel da religião é, muitas vezes, de socialização e direcionamento dos ritos de morte, no intuito de minimizar o terror, o medo. Logo, a morte está profundamente vinculada às visões que as religiões têm sobre o tema. Até o século XIX era a Igreja Católica, em nossa sociedade, quem monopolizava as questões relacionadas à morte.

O século XX mudou esta situação profundamente. A sociedade atual, hiperconsumista, acabou por criar um sistema de imortalidade para as pessoas, ocultando a morte e os mortos. De acordo com Ziegler (1971), o conceito de morte está ligado hoje, também, ao econômico. A questão da eutanásia, o apressamento da morte e os transplantes, tudo na área médica relaciona-se a custos, a metas financeiras. O poder foi transferido da Igreja para a Medicina e a morte, enfim, acabou virando negócio, como tudo relacionado ao ser humano nessa era tecnológica; com o excesso de tecnologia, o homem está se tornando inconsciente e privado de sua própria morte, que é parte do processo de desenvolvimento humano.

Portanto, no intuito de assumir uma atitude de reflexão do fenômeno ‘morte’ que se mostra para nós, na relação que estabelecemos com os outros, no mundo, recorreremos à fenomenologia que se trata de “um método de investigação da história do conhecimento, que propõe a volta às coisas mesmas, a partir da descrição e da interrogação do fenômeno”. (KOVÁCS, 2010, p.145).

Esta concepção que ora utilizamos foi criada por Edmund Husserl, filósofo e matemático que buscou a Psicologia para ajudá-lo em suas questões investigativas e foi a partir disso que descobriu um conceito central importante para a filosofia fenomenológica, que é o conceito da intencionalidade da consciência, no qual afirma que toda consciência é voltada para alguma coisa, mesmo que não vejamos o seu alcance. Assim, a fenomenologia tem como meta desvendar os fenômenos implícitos nas relações intencionais que o ser humano vive no seu cotidiano com os outros seres humanos. (HEIDEGGER, 2005).

A referência para falar de morte nesta abordagem é desenvolvida por Martin Heidegger (2005), através da sua obra ‘Ser e Tempo’. Ele, como discípulo de Husserl, desenvolve nessa obra uma busca do sentido de ser, afirmando que toda a história da filosofia nasce a partir do esquecimento dessa questão do ser; retoma os pré-socráticos, em que a questão do ser e do não-ser já está presente, quebrando a dualidade sujeito-objeto e restabelecendo a importância fundamental da práxis em relação à teoria. Propõe uma ontologia, um estudo do sentido do ser. De acordo com Kovács (2010),

No desenvolvimento de sua analítica existencial em *Ser e Tempo*, Heidegger privilegia a morte, como qualquer outro termo pinçado desta obra. No termo ser-no-mundo já está implícita a circularidade que permeia todo o tratado, ou seja, cada elemento, na sua descrição, remete a outro já descrito ou ainda por descrever. (p. 146, grifos da autora).

A morte, para Heidegger, deve ser enfocada a partir da analítica existencial, pois não é um fato que ocorre naturalmente: ela é um fenômeno constituinte da existência humana não se confundindo com o simples fenecimento natural dos entes. A morte é um fenômeno privilegiado, que se encontra profundamente entranhado no ser do homem como ser-no-mundo e ser-de-projeto.

Heidegger (2005) fala no ser-aí (*Dasein*), onde fica explicitada uma sujeição a um mundo que já chega interpretado, onde tudo já é conhecido e tudo é coletivo. A única coisa que escapa a este fato é a angústia – sentimento mais individual de todos – leva ao temor: teme-se sempre algo que está por vir. E o temor de que mais nos esquivamos é a morte.

Esse é um fenômeno cotidiano, porém não se costuma refletir sobre a própria morte, sendo uma dentre as várias possibilidades do ser, embora ela não seja uma escolha, pois segundo Kovács (2010, p. 148), “o ser-aí é ser para a morte. O ser-aí já está sempre lançado em suas possibilidades, e a morte é a possibilidade mais peculiar, irrefutável e irrepresentável.”. Portanto, a

angústia gerada leva a um contato com a ameaçadora morte, por mais que ela chegue algum dia, isso se dará de maneira acidental, fazendo com que o ser humano se envolva em projetos continuamente.

Assim sendo, na cotidianidade, o tempo é usado pelo homem para postergar as possibilidades, constituindo-se como um conceito, no qual o passado tem significado com o já vivido, possibilitando ressignificar tudo que for feito no futuro. Só que deste modo, entende-se o mundo no contexto: passado, presente e futuro. Entretanto, Heidegger (2005) considera que essa temporalidade não existe, pois não vivemos o tempo: na realidade, somos o tempo; e a morte, se compreendida em seu sentido verdadeiro, não torna o homem passivo ou apático, mas torna-o o elemento doador de sentido das outras possibilidades. Morte e sentido existencial formam um vínculo, patenteado no ser pessoal do *Dasein*.

Descobrir e revelar o sentido da morte faz com que se abram caminhos para que o sentido da vida seja redescoberto, sendo norteados por essa compreensão que este estudo foi elaborado e é através desta que, a seguir, os pesquisadores evidenciam como a pesquisa de campo foi essencial a todo este processo reflexivo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Três casais foram entrevistados e identificados com nomes fictícios, preservando assim o sigilo necessário à pesquisa: João (83) e Maria (82), José (81) e Lúcia (73), e André (29) e Cláudia (28). Após o relato do teor do trabalho e da aceitação dos termos, todos assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Diante do processo de colheita dos dados, foi necessário à realização da pesquisa uma postura fenomenológica dos pesquisadores, os quais tiveram que experienciar a *epoché* para poder iniciar as entrevistas. A *epoché* fenomenológica, segundo Abbagnano (1990), implica na suspensão de juízo que não põe em dúvida a existência, mas se abstém de emitir julgamentos sobre ela. Portanto, como diz Fukumitsu (2013, p. 61), trata-se de “distanciar-se dos dados por algum tempo, a fim de suspender os preconceitos e juízos, e então retomá-los, para derivar os temas da experiência do entrevistado.”.

A postura fenomenológica fez com que os pesquisadores entrassem em contato com os participantes voluntários assumindo uma conduta profissional. Foi nestas condições que os passos

assumidos por Critelli (1996) na sua “Analítica dos sentidos” (desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação) foram compreendidos e aplicados a todos os relatos, que serão apresentados a seguir:

Maria, esposa de João, afirmou que: “Faz quatro anos, no dia 29 de novembro que ele morreu, ele ia completar 25 anos. Ele saiu para trabalhar de 10:40h, quando foi 12:40h a mulher chegou com esta notícia: ‘foi um infarto que deu nele e uma parada respiratória’.”. (sic, Maria).

Lúcia, esposa de José, contou que: “estava dormindo e recebi a notícia. Eram 4:00h da manhã. Minha nora me telefonou, me dizendo que meu filho tinha tido um infarto e estava sendo levado ao hospital. Quando cheguei ao hospital ele já tinha falecido. Ele só tinha 50 anos. É duro para a pessoa, foi muito rápido.”. (sic, Lúcia).

Já Cláudia, esposa de André, explicou:

O caso é que foi muito cedo, foi uma vida que foi embora. Aborto é uma vida! A gente descobriu uma semana e na outra semana a gente perdeu. Só curtiu um pequeno momento. Foi em casa mesmo a perda. Eu estava no banho e senti uma bola de sangue que caiu no piso do banheiro. Eu saí e pedi para André ir ver. Ele me pediu para ficar tranquila e, quando fomos ao médico, ele confirmou que tínhamos perdido o bebê. (sic, Cláudia).

Os sentidos da morte inesperada dos filhos dos casais foram atribuídos a partir de cada experiência única vivida por cada participante, porém, foi possível perceber alguns pontos em comum. O primeiro deles foi a percepção que as mulheres, no caso dos dois casais mais velhos, foram mais falantes, incisivas e racionais, apesar do sofrimento; os homens mostraram-se mais passivos e contidos, e nas entrevistas mostraram a dor de maneira implosiva, com uma dose muito grande de culpa. No casal mais novo, entretanto, os dois participaram ativamente da reconstrução de sua expectativa de ter um filho e, neste caso, o homem foi quem se mostrou mais articulado, mais falante.

Outro ponto percebido diz respeito à compreensão dos casais sobre tanto a naturalidade biológica da morte quanto a influência da cultura no seu enfrentamento, que faz com que a temamos e nos esquivemos dela, como contextualiza Kovács (2010). Pode-se observar esses sentidos atribuídos no recorte a seguir: “A morte é uma coisa muito natural, é a lei da vida. Você nasce para morrer mesmo e deixar a Natureza trabalhar”. (sic, André).

A morte “natural” seria a morte de pessoas idosas. Esta é uma ideia aceita social e culturalmente. A aceitação da morte de uma pessoa mais jovem e com saúde causa um impacto na maioria das pessoas. Como diz Kastenbaum e Ainsenberg (1983, p. 387): “Genuinamente nos surpreendemos, talvez chocados, ao saber que a Morte chegou para alguém cuja ‘vez’ deveria ser remota. A morte de alguém tão jovem e sadio quanto nós mesmos... tende a nos encher de apreensão.”. Exemplificando esta situação, segue uma fala de Lúcia: “Na hora do enterro, quando eu cheguei lá, eu disse: meu Deus, a gente já de idade devia ter tirado um da gente, deixado ele que era novo.”. (sic.).

Já o casal José e Lúcia atribui à morte o sentido de uma viagem, dando esperanças para um encontro futuro, como pode-se perceber nas falas: “Tem muita gente que diz que a gente morre antes do tempo. Eu creio que aquela pessoa que morreu, só morre no dia certo. Tem o dia de nascer e o dia de morrer, eu acredito assim, não sei os outros.”. (sic, José). “Esquecer nós não esquecemos nunca, de jeito nenhum, porque é muito difícil. Mas se acostuma sem aquela pessoa. Tem dias que meu marido diz pra mim que nosso filho fez uma viagem e é pra gente ir na casa dele.”. (sic, Lúcia).

Um elemento importante observado nas narrativas foi a compreensão dos casais que a companhia um do outro se deu como um suporte significativo para lidar com estas mortes inesperadas dos filhos, pois o sentido do vínculo que os uniam se fortaleceu, como demonstra a seguinte afirmação de Maria: “Você ter ficado foi melhor, porque você é meu esposo. Ele era filho, era casado, ficava na casa dele, não vivia comigo direto.”. (sic).

No casal João e Maria, a falta do filho causou um vazio na rotina dos dois, pois ele, apesar de casado, participava ativamente protegendo e cuidando dos pais:

A gente sente muito porque ele era a nossa vida. Quando um de nós adoecia ele nos levava para Recife. Levava João numa cadeira de rodas, comprava remédios e tudo o mais. Ele dizia assim: “se uma pessoa mexer com mainha ou painho é mesmo que mexer comigo”. Além do mais, ele sabia consertar tudo dentro de casa, por isto faz muita falta. (sic, Maria).

A dor de perder seus filhos fez com que os casais se lembrassem do que tinham compartilhado com os filhos desde que eles eram crianças. Comentaram de suas brincadeiras, de sua vida escolar, de suas personalidades. Todos se emocionaram ao relembrar de cenas em que estavam

juntos e felizes. Estas lembranças vívidas, impactaram muito o casal João e Maria quando estavam com o corpo do filho na sala de casa. Maria contou que:

Quando ele morreu, uma enfermeira passou a noite toda cuidando da gente. A gente estava ali na sala de jantar, nem veio para a sala de estar, e eu nem fui olhar para ele. Quando no outro dia eu já estava melhor eu pensei ‘como é que eu ia ver ele ali na sala? Ele está fazendo o quê? Está deitado, está morto?’. Depois me levaram e eu o vi morto na sala...(sic).

Neste momento, fundamentando-se em Critelli (1996), houve, através da linguagem, uma revelação de algo que já tinha sido desvelado. Neste casal, em especial, a expressão de Maria era mais verbal, enquanto João expressava sua dor contida corporalmente, passando o tempo quase todo da entrevista chorando silenciosamente. Para eles foi muito importante se sentirem acolhidos e respeitados, tendo os pesquisadores testemunhado suas dores, fazendo com que ela fosse veracizada.

A implicação da compreensão de linguagem, como se pôde constatar, foi imprescindível. Visto que, a linguagem no pensamento heideggeriano, segundo Inwood (2002, p. 109), “nos possui (...) possui o modo de ser de Dasein ou do homem”, mas quando se expressa na fala, o que se dá é a entificação, isto é, “a revelação original dos entes como um todo” (p. 109).

É possível compreender isto por meio da observação dos participantes quando, ao comunicarem os sentidos que atribuem ao fenômeno da morte, emitiram vários tipos de mensagens, não só orais como também corporais. Assim, os gestos e as expressões faciais complementaram os relatos orais e mostraram o fenômeno de maneira plena, através da revelação dos entes.

Desse modo, é possível compreender a definição de morte de Heidegger (2005b) que ele explicita após questionar: “Morrer não significa sair do mundo, perder o ser-no-mundo?” (p. 18). Imediatamente após, ele faz a seguinte consideração: “Levando-se ao extremo, o não-mais-ser-no-mundo do morto ainda é também um ser, na acepção do ser simplesmente dado de uma coisa corpórea. (...) O fim de um ente, enquanto presença, é o seu *princípio* como mero ser simplesmente dado.”. (p 18, grifos do autor).

Além do sentido atribuído à morte pelos participantes, uma das coisas que chamou a atenção foi, também, o sentido de vida. Assim como o sentido da morte, o sentido de vida varia de pes-

soa a pessoa, como descreve Frankl (2008):

Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisso a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo. (p. 133).

Pompeia e Sapienza (2011) complementam que “encontrar um sentido é encontrar um para quê”. (p. 94). Diante disso, o sentido de continuar vivendo, para o casal André e Cláudia, mostra diferença com relação aos outros casais. A vontade de viver tem mais potência, pois eles se encontram numa fase inicial do relacionamento. A situação econômica não era das melhores quando ela engravidou. Além disso, eles encararam esta perda como uma fatalidade e como um sinal de que as coisas iriam melhorar no futuro, o que de fato aconteceu e foi narrado por André: “Agora eu tenho um bom emprego, a gente vai poder dar uma condição melhor, um futuro e uma educação melhor para o nosso filho. Hoje a gente está muito bem organizado, a família toda está esperando esta criança e a gente está muito feliz.”. (sic).

O casal José e Lúcia encontrou o sentido para continuar vivendo se abraçando às rotinas diárias, pois “o que dá forças pra gente, é o dia a dia: conversar com as pessoas, trabalhar, se movimentar”. (sic, Lúcia).

Por fim, mas não menos importante, vale salientar a importância da espiritualidade no desvelar das narrativas dos casais que perderam seus filhos por morte inesperada. A fé em Deus deu um sentido de vida para todos os participantes. Independente da religião, esta crença em um Ser Maior e numa vida paralela, demonstrou amenizar a dor e fazer com que haja a esperança de um reencontro.

De acordo com Medeiros (2012): “a espiritualidade pode ser compreendida como algo transcendente, capaz de tocar em profundidade a vida e experiência humana, atribuindo a forças superiores o cuidado e proteção diante de situações adversas.”. (p. 82).

Alguns dos depoimentos deixaram isto claro aos pesquisadores, tais como: “Meu Deus, por que levastes meu filho? Eu não vou blasfemar contra Deus!”. (sic., Maria). “Eu sinto demais! Eu sinto muito! Mas Deus vai me confortar, vai me proteger!”. (sic. Maria). “A gente se sente muito triste

ainda, mas Deus conforta a gente!”. (sic., Lúcia). “Confie em Deus, porque se ele tirou este filho de vocês é porque lá na frente Ele vai lhe dar uma benção muito maior!”. (sic André).

Todas estas experiências compartilhadas nesta pesquisa mostraram o quanto a “Análise de sentidos”, elaborada por Critelli (1996), foi determinante na compreensão dos fenômenos ocorridos durante as entrevistas. Os passos do método foram-se apresentando aos pesquisadores de maneira clara, tornando-se reais. Os fenômenos foram sendo desvelados e, através da linguagem de cada participante, foram sendo acolhidos e, conseqüentemente, revelados. Depois das revelações foram testemunhados pelos pesquisadores e, pela constatação de suas relevâncias públicas, foram veracizados. A consistência de todo o movimento levou às autenticações de todos os fenômenos dando-lhes, definitivamente, o status de realidade, deixando todos os participantes satisfeitos com a vivência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por compreendermos esta pesquisa fundamentada na fenomenologia, as considerações são aqui apresentadas enquanto versão de sentido, pois não só se pode testemunhar como também veracizar as narrativas, devido à relevância pública. Após colher os resultados, os pesquisadores puderam se aproximar da vivência de pessoas que passaram por situações de dor, sofrimento e perdas de forma inesperada de um filho.

Através da pergunta disparadora, o fenômeno começou a ser desvelado, a vir à tona. Através das falas do que foi revelado, o problema desta pesquisa foi compreendido e os objetivos foram atingidos, porque pôde-se compreender o sentido da morte de seus filhos para estes pais que foram entrevistados, os quais não representaram experiências de um modo passível de se generalizar, mas sim, suas experiências singulares.

O olhar para eles foi não só enquanto indivíduos únicos, mas enquanto casais que puderam constituir uma família. Desse modo, a perda inesperada trouxe importantes mobilizações e ajustes pessoais e familiares. Neste sentido, João, Maria, José, Lúcia, André e Cláudia não foram simples participantes, mas agiram e foram coautores desta pesquisa.

Os encontros possibilitaram que todos fossem afetados – entrevistados e pesquisadores – favorecendo distintas compreensões às experiências fenomenológicas: a realização da entrevista

em si e a sua transcrição. No ato de entrevistar houve a assunção de uma postura ética e o que importou foi a escuta dos pesquisadores, mantendo a atenção concentrada, realizando algumas intervenções, no intuito não de influenciar o desenrolar das narrativas, mas simplesmente no sentido de esclarecer algum ponto obscuro aos casais. Já no ato de transcrever foram notadas situações que não tinham sido observadas na entrevista ao vivo, gerando nos pesquisadores um misto de emoções, onde couberam até lágrimas.

Apesar destes sentidos de morte pela perda inesperada de seus filhos, o que mais chamou a atenção nesta pesquisa foi perceber quão as pessoas são resilientes. Depois de um necessário período de luto, os casais perceberam que não havia outra opção a não ser viver; perceberam que falar de morte é, também, falar de vida. A consciência deste fato, aliada à sua desmistificação, dá condições para que a morte seja encarada como ela realmente é: natural, como todas as situações humanas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHIAVENATO, Julio Jose. **A Morte**: uma abordagem sócio cultural. São Paulo: Moderna, 1998.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

FRANCO, Maria Helena Pereira; KOVÁCS, Maria Júlia; CARVALHO, Maria Margarida; CARVALHO, Vicente Augusto. **Vida e Morte**: laços da Existência. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.
FUKUMITSU, Karina Okajima. **Perdas no Desenvolvimento Humano**: um estudo fenomenológico. São Paulo: Digital Publish & Print, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENEZ, Sonia Maria Nobre; TATSUI, Carla Brito. **Morte**: Implicações ambientais e culturais. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (Parte I). 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Ser e Tempo** (Parte II). 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

KASTENBAUM, Robert; AISENBERG, Ruth. **Psicologia da Morte**. São Paulo: Pioneira Editora, 1983.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MEDEIROS, Waleska de Carvalho Marroquim. **A clínica psicológica e a experiência da espiritualidade de pacientes em cuidados paliativos**. Recife: UNICAP, 2012.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NASCIMENTO, Carolina. **Como a morte é vista em diferentes religiões e doutrinas?** Curitiba: Secretaria da Educação do Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.ensinoreligioso.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=70>> Acesso em: 14 março 2014.

POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Os dois nascimentos do homem**: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita Editora, 2011.

TORRES, Wilma; GUEDES, Wanda; TORRES, Ruth. **Psicologia e Morte**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

ZIEGLER, Jean. **Os vivos e a morte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.